

Cadernos de estágio

Duas vizinhas à porta ou tomando a pena dos cronistas

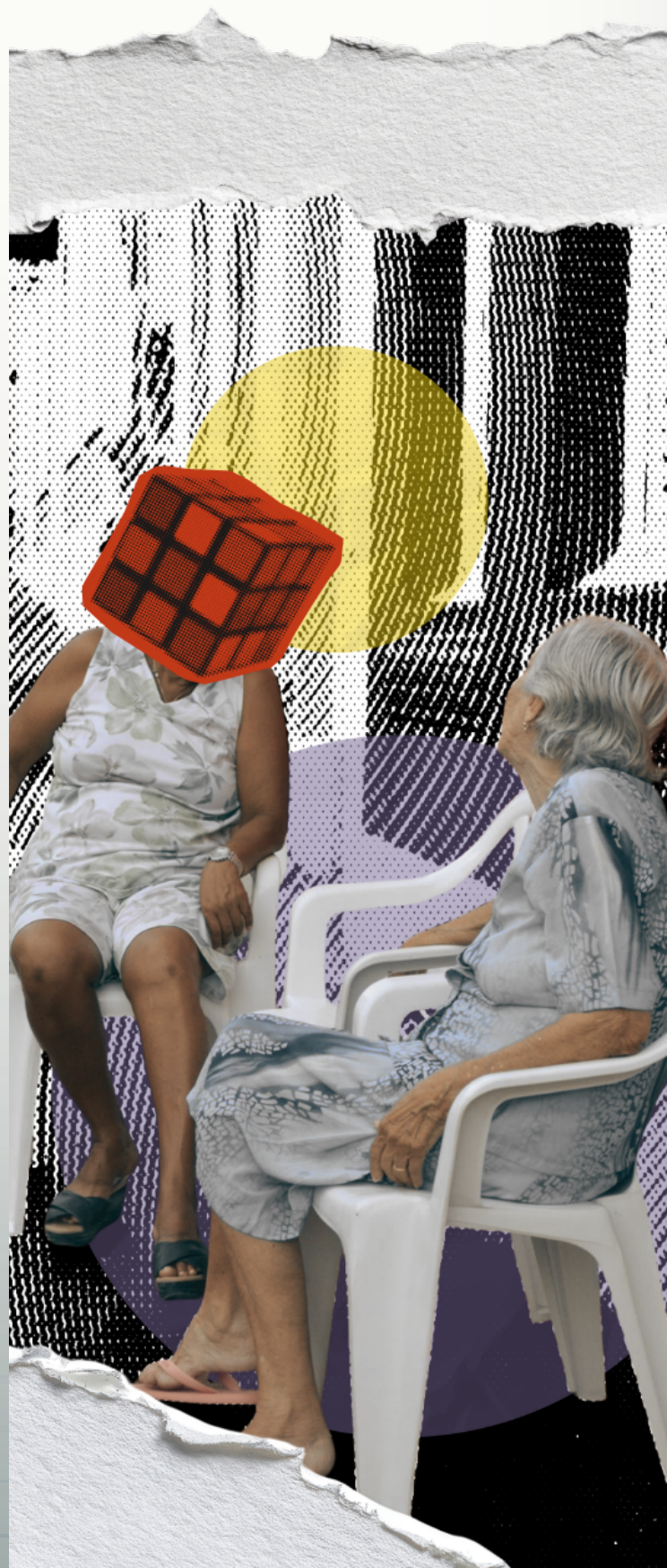
*Leilane Oliveira do Nascimento*¹
Isabela de Brito Uchôa Araújo

Informações

1 noleilane@gmail.com

Como citar este texto

NASCIMENTO, Leilane Oliveira do; ARAÚJO, Isabela de Brito Uchôa. Duas vizinhas à porta ou tomando a pena dos cronistas. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID39874](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID39874).



Volume 8, N1

Cde

Janeiro - Julho

Submetido em: 15 de Abril de 2025

Publicado em: 03 de Julho de 2026

ISSN: 2763-6488

O dia começou despercebido. Mais aparentava, para nós, ser uma extensão da tarde anterior, aquela em que planejávamos um projeto para desenvolver com os alunos da turma em que estagiávamos. Em um semestre atípico, que insistia em se demorar até os dias de janeiro do ano seguinte, algumas marcas de cansaço já podiam ser vistas na pele ao redor dos nossos olhos. No entanto, faltava pouco e isso nos mantinha esperançosos. A aplicação do projeto de ensino do Segundo Componente Curricular de Estágio da licenciatura em Letras era mais um passo para o desfecho daquele período agitado em nossa trajetória acadêmica.

Nós já estávamos na sala de aula, quando os alunos, cujos nomes, vozes e gestos nos eram familiares, começaram a preencher as carteiras. Sentíamos doses mistas de nervosismo e animação, afinal, era a culminação de dias de planejamentos, discussões e expectativas após tantas terças e sextas letivas. Naquele início de aula, eles estavam retraídos – quem sabe desconfiados dos estagiários, que antes ocupavam as esquinas da sala, agora ali na frente. Explicamos que, após semanas acompanhando a turma, construiríamos, então, um projeto de ensino chamado *Duas vizinhas à porta*, uma oficina de leitura e escrita criativa de crônicas. De cara, o título fez surgir uma expressão de curiosidade em alguns.

2

Quando sondamos o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero crônica, eles ficaram em completo silêncio. Logo cresceu em nós, estagiários, um dos receios que nos acompanhava desde quando o nosso projeto de ensino ainda estava no papel, o de que os estudantes não se engajassem com ele. Mas o professor supervisor não deixou a peteca cair: como num passe de mágica, ele entrevistou dizendo que, sim, os alunos já haviam lido crônicas e que uma dessas leituras havia sido a de “*Mineirinho*”, de Clarice Lispector¹. Vimos, então, os rostos dos alunos se acenderem diante da lembrança da leitura do texto e seguimos mais confiantes com a oficina.

Para convidar os aprendizes do gênero a conhecerem mais sobre os elementos dele, lemos um trecho de “*O nascimento da crônica*”, de Machado de Assis². Solucionando o suspense anteriormente instalado, explicamos que o título da nossa oficina vinha desse texto, em que Machado associava a gênese da crônica, criativamente, a uma fofoca entre vizinhas. Em seguida, apresentamos a história, as características e os tipos do gênero, alternando as explicações com trechos de crônicas de autores como Carlos Drummond de Andrade, Caetano Veloso e Gregório Duvivier. Nesse ponto, os alunos já estavam percebendo que, na crônica, os assuntos sérios eram tratados com a leveza de uma pena e que a linguagem híbrida do gênero seguia seu

1 LISPECTOR, Clarice. *Mineirinho*. In: _____. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123-126.

2 ASSIS, Machado de. *O nascimento da crônica*. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Ed.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 27-28.

próprio tempo, tamanho e compasso – geralmente cotidiano, miúdo e ágil.

Até que chegou o que aguardávamos com maior ansiedade na oficina: a leitura e a interpretação da crônica “Não as matem”, de Lima Barreto³. Nosso sentimento se devia à sensação de responsabilidade que assumíamos ao conduzir o processo de construção de sentidos no texto literário. Sabíamos, naquele momento da licenciatura em Letras, assistidas muitas aulas sobre esse mesmo assunto, que aquele era um dos maiores desafios que um professor da nossa área tinha na sala de aula. Já conhecíamos o mote de cor, “aula de literatura não é aula sobre escola literária, é aula sobre o texto”, e aquilo não saía de nossas cabeças.

Fomos ao texto, então. Realizamos a leitura da crônica e, com muito cuidado, extraímos dos comentários dos alunos as características centrais do texto. A crônica chamou atenção, de pronto, pela atualidade de seu conteúdo, os feminicídios. Houve quem pensasse, inclusive, que aquela era uma publicação contemporânea, não fosse a datação presente ao final: 1915. Destrinchando os pormenores do texto, percebemos como o cronista ironiza e argumenta simultaneamente para ridicularizar a covardia dos homens misóginos. Se antes a sala parecia reticente, agora se avivava ao perceber a engenhosidade com que o narrador pesava e comparava fatos cotidianos para se posicionar contra a violência de gênero.

3 Agora era a vez de eles tomarem a pena dos cronistas. Apresentamos para a turma uma proposta de escrita criativa de crônicas a partir de manchetes jornalísticas. Três eram os temas de relevância sociopolítica local ou internacional que serviriam como motor para a escrita: a “engorda” da praia de Ponta Negra; a mudança de regras na checagem de fatos das redes sociais da Meta; e a repercussão do filme *Ainda estou aqui* (2024), de Walter Salles. Como se tratava de uma oficina de escrita criativa, eles não precisavam obedecer às características do gênero como a fórmulas matemáticas, isto é, eles deveriam levá-las em consideração, naturalmente, mas sem esquecer de explorar a diversidade estilística que esse gênero permite.

Logo eles começaram a criar suas próprias crônicas, o que constituía uma cena marcante: o silêncio da concentração, o som das canetas deslizando pelo papel, o movimento dos olhos que pareciam buscar uma ideia perdida no ar e, em alguns momentos, o murmúrio de discussões entre as duplas que decidiam qual tema abordar.

Depois de quarenta minutos de escrita, chegava a hora mais aguardada, a da socialização das produções. Fizemos questão de explicar à turma que não seriam emitidos quaisquer juízos de valor sobre suas crônicas, a fim de deixá-los bem à

vontade para a leitura. Alguns alunos se voluntariaram para ler seus textos e, à

3 BARRETO, Lima. Não as matem. In: BARRETO, Lima; HOUAISS, Antônio. Vida urbana: artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 21-23.

medida que o faziam, dava para perceber, em suas vozes, um misto de acanhamento e orgulho. Mas o que mais se sobressaía àquela altura era a nossa felicidade ao perceber a qualidade daquelas crônicas que, com abordagens tão diferentes, umas mais humorísticas outras mais poéticas, conseguiam refletir com tanta criticidade sobre o seu cotidiano.

A atmosfera da sala em um momento se enchia de “areia, areia, areia, areia, areia, areia...” e, noutro, se ambientava em uma casa tocando um vinil de Angela Ro Ro. Visitamos uma Ponta Negra cor de chumbo com um detalhe perfurante no chão e, em outro tempo e espaço, uma voz onisciente nos lembrava de que “o mar traz de volta tudo que não nos pertence”. Tudo estava ali, entre o noticioso e o literário. Vinha primeiro do papel para depois ressoar por diferentes vozes. Recursos de linguagem irmãos daqueles que lemos misturavam-se a elementos formais que emprestavam frescor ao gênero tão discutido. Era uma tarde em que duas vizinhas à porta – a teoria e a prática – se encontravam para conversar.

4

O professor supervisor e nós, os estagiários, também lemos as crônicas que produzimos. Sem julgamentos, sem comparações, apenas uma sala cheia de palavras, de risos e de trocas: o aprazimento de uma comunidade leitora sendo formada. Apesar da pouca experiência em sala de aula, percebemos que aquela era, sem sombra de dúvidas, uma das primeiras oportunidades de realização no ensino pela qual passaríamos em nossa trajetória docente. Entre cada leitura, aplausos empolgados de alunos que, ao juntar uma palma da mão à outra, reconheciam o empenho de seus pares e celebravam o deslumbramento dessa nova experiência de se aventurarem juntos no poder criativo.

Quando a oficina terminou, a sensação era de êxito. Naquelas duas horas e quinze minutos, não apenas construímos conhecimentos sobre o gênero crônica, mas fomentamos uma expressão escrita mais crítica e criativa. Ao sair da sala, ficou a percepção de que, assim como a crônica de Lima Barreto, nossa oficina havia cumprido seu papel: transformar o cotidiano em um espaço de reflexão e diálogo. O semestre já podia, então, ter o seu tão aguardado desfecho.